

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

38

Organizado por:

Nina Virgínia de Araújo Leite
(Projeto Língua Materna em Instância Paterna)

A SINGULARIDADE COMO QUESTÃO

Cad.Est.Ling.	Campinas	Nº 38	p.1-137	Jan./Jun.2000
---------------	----------	-------	---------	---------------

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Hermano Tavares

Vice-Reitor: Fernando Galembeck

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Luiz Carlos da Silva Dantas

Diretora-Associada: Maria Augusta Bastos de Mattos

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: Lúcia Kopschitz X. Bastos

EQUIPE EDITORIAL

J.A. Duek/L.A. Santos/E.A. Santos

Capa-Projeto: J.A. Duek

Layout e Arte Final: E.A. Santos/L.A. Santos

CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS é uma publicação semestral do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. A revista aceita colaboração de pesquisadores de outras Instituições, publicando estudos em português, espanhol, inglês ou francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial.

Para remessa de originais, aquisição de números avulsos e assinaturas, dirigir-se a

UNICAMP/IEL

Setor de Publicações

Caixa Postal 6045

13083-970 - CAMPINAS - SP - BRASIL

Fone/Fax.: (19) 788 1528

e-mail: *spublic@iel.unicamp.br*

<http://www.unicamp.br/iel/>

PEDE-SE PERMUTA

SUMÁRIO

LENITA R. ESTEVES	
Tradução: o indecível e o impossível em James Joyce	7
MARIA PAULA FROTA	
A singularidade do desejo: diferença não-subjetivista, mas além do social	19
CLÉMENCE JOUËT-PASTRÉ e CELENE M. CRUZ	
Discurso e subjetividade na aquisição de línguas estrangeiras	33
NINA VIRGÍNIA DE ARAÚJO LEITE	
Sobre a Singularidade	39
RUTH E. VASCONCELLOS LOPES	
O tempo sou eu quando fico grande	51
JOSÉ GUILLERMO MILÁN-RAMOS e LAURO JOSÉ BALDINI	
Algumas notas sobre o significante, o acontecimento e a singularidade	59
SIBÉLIUS CEFAS PEREIRA	
Leitura como produção	71
KANAVILLIL RAJAGOPALAN	
O singular: uma pedra no caminho dos teóricos da linguagem	79
CLAUDIA ROSA RIOLFI	
A singularidade da pesquisa universitária em letra(s): questão e transmissão	85
JONAS DE ARAÚJO ROMUALDO	
Um lugar preferido pelos românticos: o singular	101
SILVANA SERRANI-INFANTE	
Singularidade discursiva na enunciação em segundas línguas	109

VIVIANE VERAS	
A inter-dicção do singular	121
ANGELA VORCARO	
O estatuto do dado lingüístico como articulador de abordagens teóricas e clínicas	131

Os trabalhos reunidos nesta coletânea refletem tanto as articulações realizadas no interior do Projeto **Língua Materna em Instância Paterna**, quanto a forma particular com que alguns pesquisadores desta e de outras instituições responderam ao convite para tematizar a singularidade como questão nos estudos de linguagem

Campinas, Fevereiro 2000.

Nina Virgínia de Araújo Leite

A QUESTÃO DA SINGULARIDADE

Em nossa escrita do Projeto *Língua Materna em Instância Paterna*, no momento mesmo de sua estruturação, a singularidade emergiu, no trabalho de cada um, como uma questão. As dificuldades em circunscrevê-la, respondendo às aporias que colocava, mostraram-nos, nesse momento, que fazer a prova dessa singularidade requeria levar em conta, na necessidade mesma de generalização imposta pelo traçado do projeto, aquilo que o excedia, como resto ou como falta.

Se, por um lado, o dado singular é o que resta, irreduzível a classificações, e o que se subtrai à teoria; por outro lado, uma vez que é inevitável na empiria, expõe, ao mesmo tempo, a lei e sua violação, oferecendo-se para ser contestado, mostrando, enfim, que toda tentativa totalizante tem relação com seus restos, com o silenciamento dessa alteridade.

Colocar em cena essa relação com a alteridade, responder a seu apelo conflitual, exigia uma disposição subjetiva, um tomar partido, um investimento, e um desejo. Nossa proposta foi, então, abrir esse diálogo, estendendo esse convite àqueles que se dispusessem a tratar dessa questão, a negociar com ela, com toda a precariedade que esse con-trato exigia.

Os trabalhos que compõem este exemplar devem ser tomados como tentativas de abordagem dessa questão: o singular tomado como particular (casos em que o que dele se pode dizer está escrito, contido no universal); como lugar retórico eminentemente romântico; como resto necessário a todo empreendimento científico (como o que não tem lugar na teoria, mas é por ela mesma posto em jogo); como ruptura subjetiva no ato tradutório; como sujeito psicológico (ligado a um "querer-dizer" ciente do que enuncia); como repetição real da falta, em que surge um efeito de sujeito e se inscreve o traço de um gozo renunciado.

Instante roubado ao tempo em que têm lugar as intrigas teóricas, o singular é efêmero, furtivo, não está autorizado a permanecer em cena. Mas será que o deixamos de fora quando o excluímos? Fazer a economia do singular, acomodando sua diferença, não seria carregá-lo consigo de outra forma? Haverá alguma forma de acolhida dessas manifestações da singularidade que não seja dispor-se a deixá-las vir, por mais improvável que isso pareça? O que se pode constatar nos trabalhos aqui reunidos é que não há uma teoria da singularidade. Ela é da ordem do dom. Não previsível nem calculável, ela se dá ou não, malgrado o propósito de cada um, por sua aparição e por sua perda.